

UFPI/CCHL/DH

História da América Afro Portuguesa – Período 2025.1

Plano de Curso

Ministrante: Fonseca Neto

EMENTA: Na passagem do tempo medieval europeu para a modernidade, as transformações ensejadas pela expansão comercial alcançam o mundo pós-Atlântico, mares e oceanos do sul da Terra. *A colonização mercantil-escravista na formação brasileira. Sociedade, cultura, política, administração na América Portuguesa. O século XVIII: sonhos de revolução e separatismos.*

LINHAS TEMÁTICAS

Unidade 1 — Na expansão da revolução comercial do tempo, europeus expandem seus negócios a outras regiões do globo e impõem transformações radicais nas zonas levantinas “ pós-atlânticas e das Áfricas. Nesta margem do Atlântico, os povos originários terão suas vidas totalmente mudadas.

Unidade 2 — A colonização dos tempos modernos é mercantil e transforma o corpo humano em mercadoria: por que a Europa não colonizou igualmente o Oriente indochinês?

Unidade 3 — Feição e estrutura da máquina régia ibérica ao sul do Equador. América Portuguesa, depois Brasil: aspectos da formação social-política-administrativa; os litorais e os sertões; culturas cruzadas e confluentes.

"A pós-verdade é o pré-fascismo".

Temas de estudo: 28 encontros / aulas

A revolução copernicana e as caravelas lucrativas

(Des)negando a história

Leituras da carta de Pero

Terra das palmeiras: América afro-ibérica

Pindorama: novo/velho mundo

O Brasil: céu & inferno

Estado Moderno: luzes e escuridão

Invadir, colonizar, pilhar, enriquecer

Roubar vidas, traficar, escravizar

O loteamento para os negócios
Um governo funda a Bahia
Reinos diversos querem nacos brasílicos
Por que não há a "China afroportuguesa"?
O mameluco
Padres, cruzeiros e espadas
Maranhões
Aos sertões para detrás das serras: corpos e minas
No vale do rio dos peixes pintados: as tranqueiras
Guerra da colonização: quilombo e régulos insatisfeitos
Manu: os originais se confederam ao pé das Ibiapabas
Boca do Inferno: na literatura, abrem-se alcovas e togas
Taba e freguesia: útero de municipalidades
Séc. XVIII: a liberdade que seduz
Sebastião, razão despótica
Aulas públicas
A América para os americanos: do norte!
Vila Rica, os devassos
Bahia, ensaio da luta nas ruas

METODOLOGIA DA ATIVIDADE LETIVA

As atividades letivas serão desenvolvidas em sala de aula e no modo presencial. A presença na sala é obrigatória nas tarefas coletivamente desenvolvidas. Em casos de eventuais grupos de estudo, o registro se fará a partir de relatórios de trabalho atinentes.

Essa temática terá abordagem a partir do exame de uma biblio-historiografia, além de documentos, tudo previamente selecionado e aberto a outras incorporações afins – ação que será desenvolvida em atos letivos com o mais largo envolvimento dos estudantes. Aulas que pressupõem um nível de compreensão de conteúdos – consoante os termos do projeto curricular em vigor – na medida do possível, articulados por alguma discussão sobre os principais conceitos facilitadores do seu mais acurado exame, bem como de apreciação-comentários sobre a bibliografia rerereciada.

Serão três os exames parciais. O 1 e o 2 definiremos a forma e datas no decorrer das atividades letivas. O terceiro será vinculado às atividades dos estudos e eventuais apresentações letivas. Observa-se que o processo de avaliação leva em conta aspectos qualitativos tais como assiduidade e frequência, participação e qualidade da participação nos debates da sala-de-aula e/ou noutras atividades didático-pedagógicas, pontualidade com as tarefas de leitura (essenciais), realização tempestiva de exercícios. A presença às aulas, além de obrigatória, é a condição essencial a demonstrar o interesse pela consecução do que vem aqui planejado. A utilização de aparelhos eletrônicos – fora do contexto didático em desenvolvimento – constitui ação desviante, assim contrária ao regime didático e científico da Ufpi.

HAAP

1. FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. São Paulo: Globo, 2001 (Capítulo 1, p. 15 – 41).
2. Idem. (Cap. V, p. 163 – 196).
3. LAS CASAS, Frei Bartolomé de. *Paraíso destruído*. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2008 (p. 26-47).
4. SANTOS, Fabiano V. *O governo das conquistas do Norte*. São Paulo: Anablume, 2011 (p. 27-44).
5. GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro séculos de latifúndio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968 (III e IV, p. 41 a 76).
- 6.. FONSECA NETO, Antonio. *Terras, domínio e servidão*. Teresina: Nova Aliança, 2021 (p. 13 a 66).
7. ALENCASTRO, Luiz F. de. *O trato dos viventes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000. (p. 155 – 187).
8. BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992 (p. 308-345)
9. PRADO. Paulo. *Retrato do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (cap. 1, p. 53-90).
10. Idem. Cap. 3 (p. 130 a 163).
11. GRUZINSKI, Sergei. *A águia e o dragão*. São Paulo: Cia. das Letras, 2015 (p. 55-79).
12. GRUZINSKI, Sergei. *A águia e o dragão*. São Paulo: Cia. das Letras, 2015 (p. 235-259).
13. GRUZINSKI, Sergei. *A águia e o dragão*. São Paulo: Cia. das Letras, 2015 (p. 197-213).
14. HOLANDA, Sérgio B. de *Raízes do Brasil*. 18ª. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984 (p. 101-112).
15. HOLANDA, Sérgio B. de *Raízes do Brasil*. 18ª. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984 (p. 113-126).
16. WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. de. *Formação do Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994 (p. 99-145).
17. MAXWELL, Kenneth. *Marques de Pombal - paradoxo do iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 (p. 51-68).
18. Idem. (37 – 49)
19. SOUZA, Laura de Melo e. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (cap. 3, p. 83 a 154
20. FRAGOSO, J.; GOUVÊA, Maria de F. *O Brasil colonial – 1580-1720*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2014 (p. 171-226).
21. ALVES, Castro. *Os escravos*. São Paulo: Martin Claret, 2003 (v. O navio negreiro; Vozes d'África; Saudação a Palmares).
22. MARCENA, Adriano. *Mexendo o pirão*. Recife: Funcultura, 2012. (p. 39-54).
23. MARX, Murilo. *Cidade no Brasil, terra de quem?* São Paulo: Edusp/Nobel, 1991. (p. 17 a 65).
24. DIAS, Manuel Nunes. *A Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão (1775 – 1778)*. Belém: UFPA, 1970. (p. 149 – 179).
25. FERRAZ, M. S. In: BRANDÃO, Sylvana. (org.) *Brasil 500 anos*. Recife: Edufpe, 2000 (p. 39 – 52).
26. MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Idem. (p. 317 – 351).
27. ARAÚJO, Gilda M. Lins de; CARENO, Mary F. In: Idem (p. 167 – 186).
28. HADELMAN, H. (Capítulo VII, p. 231 - 281).
29. CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (org.) (Cap. 3)
30. Idem. (Capítulo 11).
31. ESTUDOS AVANÇADOS nº 50 (Ubiratan Castro de Araújo, p. 253 – 269)
32. Idem. (Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, p. 271 – 284).
33. MOTA, Lourenço Dantas. (org.). (Capítulo João Adolfo Hansen – Serafim Leite ...p. 44 – 73)
34. HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA. Volume V. Capítulo 3).
35. Idem. Capítulo 4).

36. SCHWARTZ, Stuar B. Burocracia e sociedade no Brasil colonial. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011 (p. 112-124).

37. Idem. *O abasileiramento da burocracia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011 (p. 253-286).

Dicas facilitadoras:

O.1 - Recomendamos o livro *História do Brasil*, de Bóris Fausto (coleção Didática, EDUSP), como manual facilitador. Idem, o livro *Brasil: uma biografia*, de Lília M. Schwarcz & Heloísa M. Starling, da editora Companhia das Letras.

O.2 - Indicaremos e/ou adotaremos textos outros no decorrer do curso.

“Lembro, até bem pouco tempo, como diversos historiadores defendiam o conhecimento histórico como mera subjetividade narrativa, e achavam isto o máximo, principalmente porque, além de ser "moda", encontravam uma desculpa para atacar o materialismo histórico e, assim, justificar seus projetos hedonistas de status e seu descompromisso com a luta de classes. Contribuíram muito para a ascensão do fascismo, cuja primeira vítima é sempre a busca ética pela verdade”. Timothy Snyders